

RUA CORNÉLIO PIRES

Lei nº 2081 de 08-07-1959

Decreto nº 7518 de 07-12-1982, Artigo 1º, Inciso V

Formada pela rua 8 do Jardim IV Centenário e pela rua 110 do Jardim Chapadão - continuação

Início na rua Fernando da Cruz Passos

Término na rua Adelaide dos Santos Barreira
Jardim IV Centenário

Obs.: Lei promulgada pelo Prefeito Municipal José Nicolau Ludgero Maselli e o decreto que prolongou essa via pública, foi assinado pelo Prefeito José Nassif Mokarzel.

CORNÉLIO PIRES

Cornélio Pires nasceu em Tietê, neste Estado, em 13-julho-1884 e faleceu em São Paulo, em 17-fevereiro-1958. Era filho de Raimundo Pires de Campos Camargo e Ana Joaquina de Campos Pinto. Cornélio Pires iniciou sua vida como tipografo nas oficinas de "O Tietê", em sua terra natal e lecionando Educação Física, na Escola Normal de Botucatu. Em 1901 foi para São Paulo, entrando a trabalhar logo como reporter de "O Comércio de São Paulo". Observador arguto dos costumes, do dialeto, da veia poética dos caipiras, contava e cantava os episódios mais interessantes e pitorescos da vida do interior e com seu espírito humorístico insuperável, tinha facilidade para usar os recursos mais sutis do teatro, como a mímica, a fala, e a efabulação. Iniciou sua carreira literária, em 1910, como poeta, publicando "Musa Caipira". Criou o gênero de "palestras caipiras", servindo-se de anedotas na campanha que moveu em prol dos roceiros e para observações sobre o folclore nacional. Foi o fundador da revista "Saci". Em co-direção com o cineasta Flaminio de Campos Gatti dirigiu os filmes "Brasil Pitoresco", em 1923, e "Vamos Passear", este, documentário, em 1934. Durante a Revolução Constitucionalista de 1932, alistou-se como voluntário entre os paulistas, publicando mais tarde, dois volumes de anedotas desse período: "Só Rindo" e "Chorando e Rindo". Após a Segunda Guerra Mundial, criou o Teatro Ambulante "Cornélio Pires", possuindo dois carros, um com uma discoteca e outro com uma biblioteca, correndo todo o interior paulista, apresentando-se em praças públicas. Em 1957, construiu em Tietê, o abrigo para menores "Granja de Jesús". Divulgou em disco, a partir de 1929, músicas, versos, anedotas e várias manifestações caipiras. Foi cognominado o "Poeta Caipira" e foi considerado um pioneiro das pesquisas folclóricas, e um dos melhores humoristas do país. Suas obras, que ao falecer já haviam atingido mais de dois milhões e meio de exemplares, são com postas pela publicação de 21 livros, dos quais destacam-se: "As Estrambóticas Aventuras de Joaquim Bentinho (O Queima-Campo)", "Versos", "Quem Conta um Conto...", "Seleta Caipira", "Enciclopédia de Anedotas e Curiosidades", "Patacoadas", "Sambas e Cateretês".

RUA CORNELIO PIRES



LEI N.º 2081, DE 8 DE JULHO DE 1939
 DA O NOME DE CORNELIO PIRES A UMA RUA DA CIDADE.
 A CAMARA MUNICIPAL DECRETA E EU, PREFEITO DO
 MUNICIPIO DE CAMPINAS PROMULCO A SEGUINTE LEI:

Artigo 1.º — Fica denominada Cornelio Pires a Rua 8 do Jar-
 dim IV Contorno, e que tem inicio na Rua 6 desse loteamento.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua pu-
 blicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 8 de julho de 1939.

JOSE NICOLAU LUDGERO MASSELLI

PREFEITO MUNICIPAL

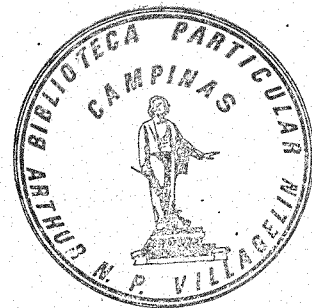
ENG.º JOSE BENEDITO DE MELO

SECRETARIO DE OBRAS E SERVIÇOS PUBLICOS

Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Mu-
 nicipal, em 8 de julho de 1939.

ALVARO FERREIRA DA COSTA

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DO EXPEDIENTE



DECRETO N.º. 7518 DE 07 DE DEZEMBRO DE 1982

DÁ DENOMINAÇÃO À VIAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS.

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto-lei Complementar Estadual n.º. 9, de 31 de dezembro de 1969 (Lei Orgânica dos Municípios),

DECRETA:

Artigo 1º. - Ficam denominadas as seguintes vias públicas do Jardim Chapadão - Continuação:

I - AVENIDA MARECHAL RONDON a Avenida 118, com início na Avenida do mesmo nome, trecho situado no Jardim Chapadão - prolongamento - e, término na Avenida Dr. Francisco Mais.

II - RUA QUINTINO DE ALMEIDA MAUDONNET a Rua 106, com início na Rua do mesmo nome e término na Rua Alvaro Alves de Abreu e Silva Filho.

III - RUA JOSÉ PINTO DE CARVALHO a Rua 107, com início na Rua do mesmo nome e término na Rua 100 do Jardim Chapadão - continuação.

IV - RUA EXPEDICIONÁRIO HÉLIO ALVES DE CAMARGO a Rua 108 com início na rua do mesmo nome e término na rua 114 do Jardim Chapadão - continuação.

V - RUA CORNELIO PIRES a Rua 110, com início na rua do mesmo nome e término na Rua Adelaide dos Santos Barreira.

VI - RUA FERNANDO DA CRUZ PASSOS, Rua 116, com início na Rua do mesmo nome e término na Avenida Dr. Francisco Mais.

VII - RUA ANTONIO ZINGRA a Rua 117, com início na Rua do mesmo nome e término na Rua Adelaide dos Santos Barreira.

VIII - RUA DURVALINA BARRETO a Rua 121 com início na Rua do mesmo nome e término na Rua 113 do Jardim Chapadão - continuação.

IX - RUA JOSÉ FRANÇA CAMARGO a Rua 124, com início na Rua do mesmo nome e término na Rua 126 do Jardim Chapadão - continuação.

X - RUA MARIA SOLDADO a Rua 125, com início na Rua do mesmo nome e término na Rua 124 do Jardim Chapadão - continuação.

Artigo 2º. - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Campinas, 07 de dezembro de 1982

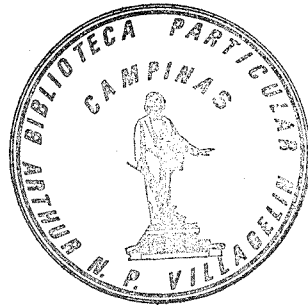
DR. JOSÉ NASSIF MOKARZEL
Prefeito Municipal

DR. JOÃO BAPTISTA MORANO
Secretário dos Negócios Jurídicos

ENGO. ISTAMIR SERAFIM
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos (Consultoria Técnico-Legislativa da Consultoria Jurídica), com os elementos constantes do protocolado n.º. 30109, de 07 de outubro de 1982 em nome da Coordenadoria das Administrações Regionais, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 07 de dezembro de 1982.

LUIZ CARLOS MOKARZEL
Secretário-Chefe do Gabinete do Prefeito



Contava e contava na sua lira a vida pitoresca do Interior

"Poeta Caipira", foi Cornelio Pires o pioneiro das pesquisas folclóricas

N.º TIEÉTÉ - 13 - JULHO - 1958

Morreu Cornelio Pires. As novas gerações talvez já estejam um pouco esquecidas deste nome, mas todos aqueles que em nosso Estado já tenham atingido a casa dos quarenta anos ainda trazem bem viva na lembrança a notável trajetória desse escritor, popular, popularíssimo como os que mais o tenham sido em nossos meios.

Observador arguto dos costumes, do dialeto, da veia poética dos caipiras, nascido e criado ele próprio em Tieté, centro fortemente impregnado pelas tradições da gente bandeirante, Cornelio Pires pode ser apontado, e com justiça, como o pioneiro das nossas pesquisas folclóricas.

Neste terreno poderia dar lições aos mestres. Atuava sem falsa erudição, jogando, antes, com a isenção de um bardo popular, cheio de verve, cheio de graça, envolto das mais íntimas emanações do meio rural, que tão bem soube surpreender e interpretar.

O POETA E O PROSADOR

Cornelio Pires destacava-se, pois, entre tantos "caipiras" de carregação que surgiram ultimamente, em virtude de sua empolgante autenticidade. A sua carreira literária é a iniciou em 1910, como poeta, vervejando com simplicidade e emoção — traço característico de sua musa roceira. Contava e cantava na sua lira, que era bem a afinada viola sertaneja, os episódios mais interessantes e pitorescos da vida do Interior, fixando flagrantes, como este, em que o seu herói expõe ao visitante — como hoje se diz na atividade sindical — as "suas mais sentidas reivindicações":

"Ai! seu moço, eu só queria pra minha felicidade, um bão fandango por dia e uma pala de qualidade".

O roceiro vai, nesta doce intimidade, enumerando, nos apertados limites de um soneto, as suas vastas aspirações, que terminam com este fecho apoteótico: "cavalo bão e muié!".

Neste genero, Cornelio Pires revelou-se insuperável. Mas a prosa entrou a seduzi-lo com mais instancia, e data daí uma série de contos talhados com mão segura: ambiente e personagens são transportados para o plano da fixação literária com tamanha nitidez, com vocabulário tão exato e vivo que não poucas das suas frases são registradas, à guisa de exemplo e ilustrações, no valioso glossário do "Dialeto Caipira" de Amadeu Amaral.

O CONFERENCIISTA

Mas o escritor era apenas uma face da mesma personalidade. Em Cornelio Pires havia também um "causeur" admirável. Poucos saberiam, como ele, numa roda de amigos, contar um "causo", através do qual um tipo qualquer de caipira era caracterizado com duas ou três pinceladas e no qual o episódio era narrado com os recursos mais sutis do teatro: a mímica, a fala, a efabulação.

Foi sem dúvida esta qualidade, ou este conjunto de qualidades, que levou Cornelio Pires a realizar pelo Interior do Estado, com êxito extraordinário, conferencias que lhe deram ainda maior nomeada. O espirito humorístico do nosso bardo realizou prodígios, sendo a sua presença solicitada posteriormente, com entusiasmo, pela população de vilas e cidades que chegaram um dia a conhecê-lo nesta atividade. Evidentemente, esta popularidade de muito concorreu para a maior divulgação de suas obras, cujas edições se sucediam, numa irradiação constante e cada vez mais ampla.

PATRONO DE VIOLEIROS

Há vinte e cinco anos passados. Cornelio Pires já gravava discos com motivos folclóricos. Nisto também foi um pioneiro. E nos seus "causos" jamais o caipira, que ele amou com desvelos de irmão, foi depreciado. Pelo contrario, o caipira, em suas narrativas escritas ou faladas sempre levou vantagens, "empuiano" o homem da cidade metido a critico ou excessivamente conscio de sua pretenção superioridade...

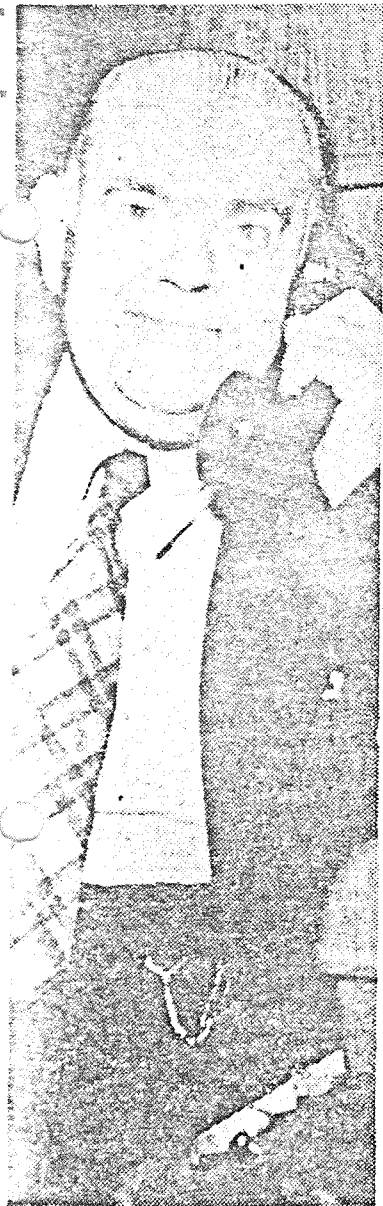
Foi também Cornelio Pires o primeiro a levar para o palco os violeiros autênticos, os violeiros de carne e osso do territorio paulista. Há mais de quarenta anos exibiu em teatros desta Capital numa turma de roceiros, desde o loiro de olhos azuis, aos tapuios, cafusos, sará-sarás, mulatos, fuscos e pretos. Sabia escolher os artistas, os mais representativos, os que de fato condensavam a alma do povo. Promoveu, com desusado interesse das platéias, demonstrações de fandango, cateretê, cururus, passa-pachola, cana verde, roda morena, São Gonçalo, mandado samba-lenço, samba caipira. As toadas de nutirão, que recolheu, constituem um excelente manancial de estudos e oferecem todo o encanto de um entretenimento.

BAGAGEM LITERARIA

Cornelio Pires, oriundo de velhas familias paulistas, era, como já dissemos, natural de Tieté, neste Estado, onde nasceu a 13 de julho de 1884, filho de Raimundo Pires de Campos Camargo e de Ana Joaquina de Campos Pinto.

Começou a vida pratica como professor de educação fisica na Escola Normal de Botucatu. Sua opulenta bibliografia conta 21 obras: "Musa Caipira", "Versos", "O Monturo", "Cenas e Paisagens", "Quem conta um conto...", "Patacoadas", "Tragedia Cabocla", "Conversas ao pé do fogo", "Estrambolicas aventuras de Nhô Joaquim Bentinho", "Meu Samburá", "Mixórdia", "Continuação das aventuras de Joaquim Bentinho", "Seleta caipira", "Tarrafadas", "Sambas e Cateretês", "Chorando e Rindo", "Só rindo", "Almanaque do Saci", "Onde, ó Morte?", "Coisas d'Outro Mundo" e "Enciclopédia de anedotas e curiosidades".

O sepultamento de Cornelio Pires realizou-se em sua cidade natal.



A noticia da morte de Cornelio Pires foi recebida com tristeza nos meios literarios e radiofonicos de São Paulo, pois era justamente entre os escritores e os homens de radio que o autor de "Musa Caipira" contava com os seus amigos mais fieis.

(DIARIO DA NOITE - SP - DE 19-02-1958)